

6º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior da Universidade Estadual de Maringá - EAIC-Júnior- UEM

Arte e Sociedade no teatro do MST: um estudo das peças *A história do Brasil*, *A bundade do Patrão* e *A farsa da justiça burguesa*

Ana Carolina da Silva Favorin (PIBIC/CNPq), Alexandre Villibor Flory (Orientador), e-mail: anafavorin@hotmail.com. Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas Letras e Artes/Maringá, PR.

Universidade Estadual de Maringá/Colégio de Aplicação Pedagógica

Linguística, Letras e Artes e Letras /Linguística

Palavras-chave: Teatro épico-dialético, agitprop, MST, Teatro e Sociedade.

Resumo

O presente trabalho foi desenvolvido na área dos estudos teatrais, mais especificamente do teatro épico e agitprop dentro de movimentos sociais. O recorte recaiu sobre o trabalho desenvolvido pelo MST que, desde 2001, vêm se solidificando com seus projetos na área teatral. Foram escolhidas três peças, já publicadas pelo MST, para fins de análise. Dessas peças, duas são classificadas como agitprop e uma como teatro épico. Buscou-se, durante a pesquisa, compreender a função e o lugar ocupado pelo teatro dentro do movimento social, destacando a arte, em especial o teatro, como espaço de discussão, elevação da consciência coletiva e resistência aos discursos hegemônicos, centrando-se na expressão desses pontos como forma estética. A fim de alcançar os objetivos do projeto, a pesquisa foi guiada à luz da crítica materialista e do teatro dialético, tendo caráter bibliográfico e analítico, partindo do estudo das formas e chegando à análise das peças elencadas.

Introdução

O teatro brasileiro passa por uma de suas mudanças mais significativas na década de 1960, marcada pela estreia de *Eles não usam Black-tie*, de Guarnieri, ainda em 1958, montada pelo teatro de Arena de São Paulo. A criticidade e a função social do teatro começam a aparecer em cena a partir desse momento, por tentar expressar questões relativas às classes populares e contando com uma busca formal de inovação.

Nos anos 1960, além do Arena, o CPC e o grupo Opinião seguiram caminhos afins, elaborando um repertório muito importante para o teatro e as artes brasileiras. Esse processo foi interrompido com o golpe civil-militar de 64. Nos anos 1990, com a suposta vitória neoliberal e o abandono das artes à sua própria sorte ou sob a tutela das grandes empresas, alguns grupos teatrais procuraram retomar aquela agenda, revisitando o teatro de grupo como criação coletiva e dialética, aliando cena à pesquisa continuada e procurando se colocar no debate da relação entre arte e sociedade. Alguns desses grupos surgiram dentro de

6º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior da Universidade Estadual de Maringá - EAIC-Júnior- UEM

movimentos sociais como o MST, tratando a arte não como mero entretenimento, mas como uma maneira de resistência contra a cultura hegemônica. Nesse contexto, surge em junho de 2001, no Rio de Janeiro, a *Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré*, enquanto ocorria a segunda etapa nacional de formação de curingas com o Centro do Teatro do Oprimido – CTO de Augusto Boal. A partir do treinamento de militantes nas técnicas do Teatro do Oprimido, formaram-se oficinas em assentamentos e encontros do MST por todo o país. A publicação que usamos como base para nossa análise já é o resultado de um processo de criação, encenação, discussão e publicação (por conta do registro de uma história pouco estudada), que indicam um processo de consolidação dos mais importantes.

Materiais e Métodos

A pesquisa teve caráter bibliográfico e analítico, com o intuito de estudar os textos das peças publicadas pelo MST, bem como os aspectos teóricos das formas teatrais utilizadas pelo movimento, compreendendo as peculiaridades estéticas das peças e sua função de resistência. A base metodológica apoiou-se na crítica materialista e no teatro dialético.

Resultados e Discussão

A farsa da justiça burguesa, o texto de teatro épico elencado para o desenvolvimento desse projeto, foi escrito por Sérgio de Carvalho, diretor da Cia do Latão, a partir de uma proposta feita pelo grupo Filhos da Mãe... Terra, do MST. A peça foi escrita para a quarta etapa do Teatro Procissão, que foi realizada em Brasília no ano de 2005.

A fábula da peça gira em torno do julgamento de um militante que, em uma chacina, fingiu-se de morto e não morreu junto com os seus. Os personagens são o Coro de militantes, o Juiz, o Policial, o Médico Legista, o Fazendeiro e o Coreuta. Com exceção do coro, os personagens são representados por dois grandes bonecos colocados em cena. Um deles será o juiz, e o outro assumirá as feições do Policial, do Legista e do Fazendeiro. Vale ressaltar, antes mesmo de entrar pelo texto, que o réu em questão não tem um lugar de personagem: ele permanece em silêncio durante toda a peça. Esse ponto é relevante porque nos mostra, de modo explícito, a farsa da justiça burguesa, que não dá voz a todas as versões. É apenas no coro de militantes, ou seja, na coletividade, que a perspectiva dos trabalhadores chega a aparecer. Assim se vê que não estamos no campo do teatro dramático, mas da narração (épico) em torno de uma situação de abuso, que questiona as categorias de personagem, enredo, entre outros.

Já o agitprop é uma forma ainda mais específica dentro do teatro épico. Essa forma consiste num conjunto de características que foram elencadas com base na leitura das peças e dos textos teóricos. O agitprop possibilita que uma pauta de urgência seja discutida de forma pontual e rápida, despertando por meio dos

6º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior da Universidade Estadual de Maringá - EAIC-Júnior- UEM

recursos estéticos do teatro a reflexão crítica dos espectadores que são, em sua maioria, membros do MST. Como as peças didáticas de Brecht, as peças de agitprop também são, antes mesmo da encenação, um exercício para o grupo, uma maneira de pensar suas ações e formas de resistência a partir de uma arte que foge da forma burguesa e pronta do teatro dramático. Uma vez que se discute um problema em vigência naquele exato momento e diz respeito, diretamente, ao movimento, pensa-se o problema, desperta-se reflexão crítica em torno dele e se levantam possibilidades de enfrentamento e resolução. As personagens presentes nas peças de agitprop são personagens tipo, sem densidade psicológica, uma vez que os conflitos subjetivos não são relevantes, mas sim a situação que é exposta naquela peça, com todas as contradições que enseja.

A primeira peça de agitprop elencada para este trabalho, *História do Brasil*, foi construída pela Brigada de Cultura do MST/MS Filhos da Terra, no ano de 2005 durante a "Semana da Pátria". A peça é baseada na crônica Machadiana publicada em 19 de maio de 1888, na coluna Bons Dias, a qual trata, ironicamente, sobre a lei da abolição de 13 de maio. Fazendo uso da contradição entre texto e cena, a peça busca elucidar a relação entre Brasil, Portugal e a OMC, que aparecem personificados.

A segunda peça de agitprop, *A Bundade do Patrão* foi montada pelo Coletivo Peça pro Povo MST/RS, no início de 2005. A peça se passa em uma empresa e discute a crise sindical e a cooptação dos trabalhadores por parte das empresas. Nessa peça, apresenta-se as personagens como Mariana (Grávida), Sindicalista, Guilherme (18 anos, todo certinho, está no seu primeiro emprego), Laura (a queridinha/amante do patrão) e, finalmente, Marco Aurélio (Patrão). Nota-se por essas descrições que a intenção é justamente representar os tipos sociais e as situações de exploração a que são submetidos. Apenas o patrão tem sobrenome e é descrito somente pela sua função, o que o isola na peça. Por outro lado, os outros personagens, embora difiram em suas características, formam um conjunto, submetido ao mesmo tipo de relação.

Conclusões

A maior parte dos grupos do MST iniciaram seus trabalhos com o Teatro Fórum, que busca, essencialmente, a representação de uma situação de opressão e a quebra dos limites convencionados pelo drama tradicional, possibilitando que os espectadores ocupem o lugar dos oprimidos na cena. Depois de uma cena inicial que coloca uma situação de opressão, os participantes podem erguer a mão e subir ao palco para encenar como se deveria lidar com aquela situação, abrindo espaço para o debate e encenação desses desdobramentos. É uma forma de fazer com que todos sejam sujeitos no teatro, não apenas espectadores passivos. Para atender sua demanda social e falar sobre suas questões, como a crítica ao agronegócio e outros meios de produção agrícola da elite, o MST iniciou seus estudos sobre o teatro épico. Nessa forma teatral, não há um conflito subjetivo como no teatro dramático tradicional, mas apenas uma fábula que objetiva a

6º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior da Universidade Estadual de Maringá - EAIC-Júnior- UEM

exposição de determinadas relações e situações. A própria fábula serve para que pensemos criticamente sobre a elaboração dos discursos que ela mesma apresenta. Em vez da linearidade sugerindo a inexorabilidade da condição humana, por exemplo, o teatro épico opta pelo salto dialético, que admite diversas possibilidades de comportamento, livres da causalidade logicamente concatenada. As determinações não são completas e dependem de condições históricas que estão acima dos indivíduos, em nível coletivo. Além disso, a imersão e encantamento do teatro burguês são eliminados pelo princípio didático do teatro épico. A empatia, a identificação que leva o espectador à catarse e o faz esquecer-se da sua realidade para adentrar o mundo ficcional, dá lugar, no teatro épico, à exposição das relações, sem negar as emoções, mas racionalizando-as; daí a ideia de que o teatro para o MST não é apenas entretenimento, mas caminho para a formação.

Agradecimentos

Ao CNPq, à Universidade Estadual de Maringá e ao Prof. Alexandre Villibor Flory.

Referências

CARVALHO, S. (org.) **Introdução ao teatro dialético**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

COLETIVO Nacional de Cultura – Brigada Nacional de Teatro Patativa do Assaré. **Teatro e transformação social**. Vol. 1. São Paulo: Centro formação e Pesquisa Contestado, 2007.

_____. **Teatro e transformação social**. Vol. 2. São Paulo: Centro formação e Pesquisa Contestado, 2007.

ROSENFELD, A. **O teatro épico**. São Paulo: Perspectiva, 1997.